DIÁRIO DE BORDO

UM NOVO OUTLOOK

ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV (GV Agro) e embaixador especial da FAO para as Cooperativas

UMA DAS mais interessantes realidades do agronegócio brasileiro tem sido a sustentabilidade da produção agropecuária. Como sabemos, a área plantada com grãos, desde o emblemático Plano Collor (de 15 de março de 1990) até hoje, aumentou 63%, enquanto a produção cresceu 304%. A esse número, que é resultado da tecnologia tropical sustentável aqui desenvolvida, soma-se outro ainda mais interessante: hoje, cultivamos 63 milhões de hectares com grãos em todo o País. Se tivéssemos a produtividade de 29 anos atrás, seriam necessários mais 91 milhões de hectares plantados para colhermos a safra de grãos deste ano. Portanto, não foi preciso desmatar cerrados ou florestas numa área desse tamanho.

Essa poupança de terra repete-se para as demais culturas e, também, para a pecuária. Aliás, neste último caso, vem ocorrendo redução da área total de pastagens com o aumento da produção de carne bovina.



O Departamento do Agronegócio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Deagro/Fiesp) acaba de lançar o seu Outlook para o setor com as projeções de produção e exportação da agropecuária brasileira para 2028. O trabalho mostra uma expressiva e crescente participação dos nossos produtos no cenário global, em que soja, milho, açúcar e as três carnes terão aumento de produção ao ano maior do que o crescimento do mundo todo. Isso também acontecerá quanto ao *marketing share* de todos, com exceção da soja, com uma pequena redução do *share* até 2028.

Tudo isso é muito positivo, mas depende, é claro, dos cenários interno (com os ajustes indispensáveis nas contas públicas, decorrentes das reformas prometidas) e externo (com a definição da "guerra comercial" entre Estados Unidos e China e os seus efeitos no comércio global).

Contudo, alguns dados muito interessantes do Outlook ficam em segundo plano, ainda que sejam muito relevantes. É o caso das perspectivas sobre o uso da terra. O estudo mostra que a área de lavouras – café, laranja, floresta plantada para celulose e papel mais as lavouras de primeira safra (algodão, arroz, feijão, milho e soja) – deverá crescer de 58,5 milhões de hectares, cultivados em 2018, para 66,8 milhões, em 2028 – um aumento de 8,3 milhões de hectares.

Em compensação, a área de pastagens, atualmente de 181,0 milhões de hectares, deverá cair para 174,5 milhões – uma redução de 6,5 milhões.

Tudo somado, haverá um acréscimo de apenas 1,8 milhão de hectares em toda a atividade agropecuária em dez anos. É muito pouco!

Por outro lado, se considerarmos todas as safras de grãos, os números são diferentes: dos atuais 60,1 milhões de hectares cultivados, saltaremos para 71,4 milhões – um aumento de 18,7%. Mas, a produção desses grãos, hoje de 224 milhões de toneladas, saltará para 313 milhões – um crescimento de praticamente 40%. Isso é o que realmente importa e chama a atenção: não se trata apenas de ocupar mercados e melhorar o *share* mundial, mas sim de fazê-lo com uma tecnologia que garanta qualidade e sustentabilidade na disputa com outros competidores.

Resta resolver alguns gargalos que ainda perturbam os nossos horizontes, como é o caso da dependência de fertilizantes. Em dez anos, ainda precisaremos importar 85% do total de NPK que consumimos aqui. É muito! E não podemos mais correr o risco de acidentes de percurso como o tabelamento de fretes... ■